

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Santa Justa

código
AIII - FO2 - RF

localização
Rodovia RJ-151, 2º distrito, Manuel Duarte

município
Rio da Flores

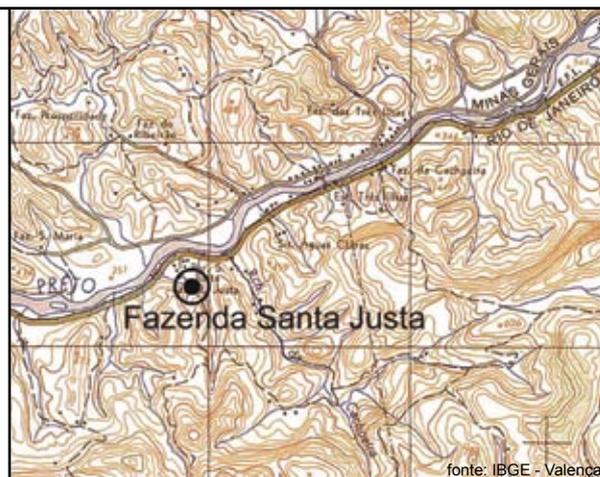
época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

A propriedade fica às margens do Rio Preto e sua paisagem de fundo é constituída por morros do tipo meia laranja, mantendo, ainda, uma pequena presença de mata nativa na circunvizinhança.

Já da rodovia RJ 151 avistam-se, de longe, as palmeiras imperiais que marcam o acesso da fazenda, perpendicular ao asfalto. O fechamento do terreno é guarnecido por muro com soco em pedra de mão, paginado por pilares em pedra lavrada arrematados por capitéis nos topos, e guarnecido por gradis e portões de ferro, de seção circular com setas nas extremidades, contando o principal com as iniciais do Barão de Santa Justa – BSJ (f. 02).



39



01



02

coordenador / data
equipe
histórico / revisão

Branca R.Figueira e Annibal Affonso M. da Silva - nov 2007
Mauro Reis e Rita de Fátima
Adriano Novaes / Fernando Pozzobom

revisão / data
Alberto Taveira - fev 2008

Esta murada se estende por toda a área frontal do terreno, mantendo duas entradas: um portão na lateral direita e outro central, locado no eixo da casa que conta grafado, abrindo-se para o renque de palmeiras imperiais, que agregam um valor monumental à ambiência local. Das antigas palmeiras imperiais que restam, algumas apresentam aberturas no tronco, que poderão destruí-las. Novas palmeiras dividem o espaço, juntamente com as centenárias (f.01, 08, 09, 12 e 42).

A parte frontal do terreno fica ao mesmo nível da rodovia, sendo toda plana, gramada e apresentando algumas árvores de porte médio, além de acessos em terra, que se cruzam e levam às diversas partes da propriedade. Acredita-se que esta área tenha sido o pátio dos antigos terreiros de secagem de café.

A casa-sede está implantada aos fundos desta plataforma, formando a partir dali um plano mais elevado (em cerca de 1,80m). Fica ladeada por vários blocos, construídos em diversas épocas: um na extremidade frontal da lateral esquerda, que se assemelha a remanescente de uma antiga tulha (f. 15 e 33); e outro, ainda nesta lateral, que faz divisa com a marcação dos prováveis terreiros de café, aparentando ter sofrido mudanças de uso, visto que sua arquitetura foi alterada em certas partes, servindo como depósito, garagem, fabricação de laticínios e casa de colonos (f.16 e 17). Destaca-se, neste trecho, um antigo tanque de pedra (f.22).

Pela lateral direita ficam os currais, com cobertura metálica contemporânea (f.13). Uma construção que se assemelha a uma antiga tulha também ocupa esta área e, por sua implantação, parece ter sido maior (f.14), talvez seguisse até próximo ao muro de entrada e fosse utilizada para depósito de mantimentos e materiais a serem embarcados no trem. Há resquícios de ruínas de pedra existentes no vértice do alinhamento desta construção com a murada principal.

Aos fundos da casa, à sua direita, fica uma antiga construção rural, tendo à frente uma área toda fechada em pedra lavrada, tanto no piso quanto nos fechamentos verticais, cujas lajes de pedra podem ter vindo dos terreiros de café. Essa construção foi feita por um dos antigos proprietários, para ser uma ceva de animais (f.21).

A piscina, nos fundos da casa (f.10), é obra recente, estando em um plano mais elevado ao da casa-sede, delimitado pelas muradas originais (f.20). No vértice desta murada com a lateral esquerda há blocos de pedra que evidenciam um fechamento primitivo (f.18) de todo este pátio. Mais à esquerda, em um nível mais baixo, passa um córrego, sendo possível avistar antigos artefatos de um moinho, do início de século XX, como canos de ferro, apoiados em estrutura de alvenaria ou concreto.

Há uma grande quantidade de jarros de cerâmicas na área com as iniciais BSJ (f.30) locados próximos a casa-sede e um sino junto à porta da cozinha na fachada lateral direita.

O leito da estrada de ferro passava onde hoje fica a rodovia, havendo resquícios de ter existido, à frente da propriedade, uma antiga parada de trem, comum a outras fazendas vizinhas, como a São Fidélis e a Flores do Paraíso. Atualmente, restaram apenas as bases de pedra da plataforma, encobertas por mato.

Segundo informações da filha do proprietário – D. Suzy –, sua avó usava a antiga estrada que fica nos fundos da casa para ir dar aulas na Fazenda Santa Vitória, situada no município de Paraíba do Sul.



04



05



06



07



08



09



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22

A casa-sede se configura como um solar que apresenta um interessante jogo de volumes em sua composição espacial. Implantado sobre porão baixo em alvenaria de pedra, mantém estrutura em madeira (barrotes, pilares, madres e freschais), com fechamento de paredes em pau-a-pique, pisos em tabuado com junta cega e forros em madeira tipo saia e blusa. Caracteriza-o o bloco de acesso frontal, expresso por um pequeno chalé, apostado à fachada.

A edificação mantém, em sua fachada principal, três tramos distintos de composição: o central mais elevado e consubstanciado em uma camarinha, com telhado em quatro águas, que é ladeado por tramos onde avulta o telhado de ponto elevadíssimo, ambos cobertos por telhas capa e canal.

Cada tramo conta com alinhamento de quatro vãos de janelas, com vergas retas adoçadas nos extremos, formando um suave arco em que a cercadura em madeira é pintada de cor de uva, exceção feita ao térreo do tramo central, cuja implantação do chalezinho de entrada ditou a colocação, ladeando-o, de vãos mais estreitos, em arco pleno. Todas as janelas mantém, entretanto, esquadrias em madeira com duas folhas internas almofadadas pintadas de azul claro, guarnecidas externamente por guilhotinas em caixilhos e bandeiras radiais em vidro (alguns coloridos), pintadas de branco (f.30, 31, 39, 41 e 49).

O prédio é quase todo contornado por beiral de madeira na cor azul claro, com cimalha de curvas suaves, rodeada na base por dentículos e por uma tabeira lisa na cor azul claro. Apenas a fachada de fundos da varanda tem o beiral encachorrado, na mesma cor azul.

O acesso à casa-sede é feito pelo chalé e mantém uma estátua de cada lado da portada principal (f. 06 e 19), chegando-se a ele através de uma escada dupla, com degraus e arranques em pedra, protegida por gradil em ferro trabalhado (f. 40). Essa construção apresenta cobertura de duas águas em telhas francesas, arrematada nas bordas por lambrequins. Seu frontão possui fechamento em treliça de madeira à 45°, com as esquadrias em arco pleno nas janelas e arco abatido na porta vedada por veneziana.

A compartimentação interna foi resolvida em três blocos, sendo o principal o frontal, de maiores proporções, onde localizam-se os cômodos nobres da casa. As novas adaptações de uso apresentam uma boa solução nos banheiros do pavimento inferior, mantendo inclusive o assoalho em madeira, exceto na área do *box* (f.43).



34



35



36



37

Nas portas internas, o modelo presente na maioria dos compartimentos apresenta vergas retas e cercaduras na cor vinho, com esquadrias de duas folhas de abrir, em madeira cega com calha central, na cor azul claro e bandeiras em três postigos de vidro transparente na cor branca (f. 46 e 50). Um segundo modelo, para as portas de acesso, apresenta vergas retas arqueadas nos cantos com cercaduras na cor vinho, duas folhas de abrir, em madeira almofadada na cor azul claro (f.36 e 45), existindo no acesso de fundos da fachada lateral direita e na ligação do alpendre para o salão de estar. Por fim, na varanda de fundos e nos acessos do exterior para o bloco lateral direito, há portas também com vergas retas na cor vinho, em duas folhas de abrir, em madeira almofadada na cor azul claro (f. 31 e 36).

Internamente, paredes da sala de estar apresentam pintura em estêncil, havendo lustres padronizados em todos os ambientes (f. 26 e 48). O guarda-corpo da escada interna para o pavimento superior mantém gradil em ferro fundido (f.53 e 57).

Acredita-se que o acesso à casa-sede fosse, originalmente, voltado para onde, atualmente, são os fundos da casa. Há evidências da existência de uma antiga estrada, hoje em estado precário, utilizada apenas para trajeto de gado e outros animais. Talvez esse acesso tenha perdido importância após a construção do ramal da estrada União Indústria, ligando Paraibuna a Porto das Flores (atual Manuel Duarte), levando à mudança de configuração e disposição da casa.

A hipótese do pavimento superior ser um acréscimo tardio ganha peso com a existência de um pilar de sustentação no meio da sala lateral ao quarto 01 e que funciona como aparador (f. 23).

Pode ter havido uma supressão da parte dos fundos do bloco esquerdo, uma vez que ele termina em duas águas, diferente do bloco da ala direita (f. 22).

O historiador regional Ronei Fabiano Alves, de Matias Barbosa (MG), levantou a hipótese de que a murada frontal pode ter sido projetada em fins do século XIX por Quintiliano Nery Ribeiro, que era oriundo da região e foi estudar arquitetura nos Estados Unidos para apalacetar Juiz de Fora (MG), tendo deixado importantes obras na cidade, como a antiga Casa do Bispo e o Colégio Santos Anjos. Foi também o autor da igreja de pedra situada na vila de São José das Três Ilhas - distrito de Belmiro Braga (MG) -, inaugurada em 1878, que fica a uns 11km da Fazenda Santa Justa.



38



40



41



42



43



44



45



46



47



48



49



50



51



52



53



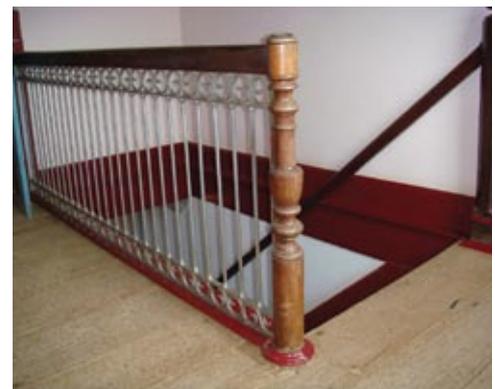
54



55



56



57

O prédio apresenta-se bem conservado, visto ter passado por obras recentemente. Notam-se, entretanto, intervenções inadequadas, como o emassamento de toda a superfície exterior e interior.

As instalações elétricas estão embutidas nas alvenarias.

Observou-se um ponto de umidade no forro da sala de TV, causado, provavelmente, pelo banheiro do pavimento superior, ou pela cobertura da varanda de fundos do pavimento inferior.

O piso é cimentado em toda ala direita, desde a sala de almoço até a lavanderia.

A casa-sede é contornada, quase em todo o seu perímetro, por calçadas em pedra de mão (f.24), com falhas nos fundos do bloco lateral esquerdo (f.32).

Existe um recalque no assoalho, causando um desnivelamento entre a saleta e o *hall* da escada e outro entre o quarto 01 e a sala / circulação. Uma das razões pode ter sido a de um dos pilares ter sobrecarregado a estrutura da fundação (barrotes), uma vez que as paredes não estão alinhadas neste compartimento, necessitando de uma sustentação vertical (f.23), assim, como atenuante, o acesso entre o quarto 01 e a sala recebeu uma soleira com arremate curvilíneo, para evitar tropeços no desnível dos pisos. No pavimento superior também existe desnivelamento, no sentido lateral, da esquerda para a direita.

As vedações de paredes internas e externas apresentam-se, no bloco frontal, em pau-a-pique. Os blocos laterais possuem algumas paredes em tijolo de barro. Como o prédio foi todo emassado, interna e externamente, isto impossibilitou averiguar a presença de materiais ou técnicas incompatíveis com sua constituição primitiva.

Foram colocados azulejos nas paredes dos *boxes* dos banheiros (f. 43) e observou-se desprendimento do emboço na base da parede que divide o quarto 06 do banheiro, exatamente na direção do *box*. Há, na fachada lateral direita, enxerto com argamassa de cimento na base externa das paredes com o porão (f.30).

Não foi possível acessar a cobertura. Assim, não se pode afirmar se ainda existe o sistema construtivo original nem o estado de conservação das peças de madeira. O telhado apresenta goteiras num trecho longitudinal, na parte esquerda do bloco frontal, indo da sala de jantar à sala situada a sua frente. Este ponto de goteira fica distante cerca de 1,50m da parede direita, que divide estes compartimentos dos centrais. Os móveis e o assoalho estavam protegidos com capa plástica. As telhas coloniais são de fabricação nova, aparentando uma camada de pátina (f.27), havendo a possibilidade de que tenham sido utilizadas, em certos panos de telhado, as antigas telhas como capa e as novas como bica, conforme se percebe pelo estado mais envelhecido na fachada frontal e no pavimento superior. As telhas francesas do alpendre encontram-se em bom estado. Não foram percebidas goteiras no ambiente.

Não foi notada a presença de cupins na estrutura de madeira da casa. Os forros estão em bom estado, os originais foram mantidos (f.44, 45 e 48) e os novos foram feitos seguindo o mesmo padrão, não estando pintados (f.26). Os pisos apresentam bom estado, com os do pavimento inferior estando encerados (f.43 e 44) e os do pavimento superior em estado natural (f.28 e 29). Os beirais, lambrequins e cimalhas estão em bom estado (f.31, 32 e 35).



23



24



25



26



27



28



29



30



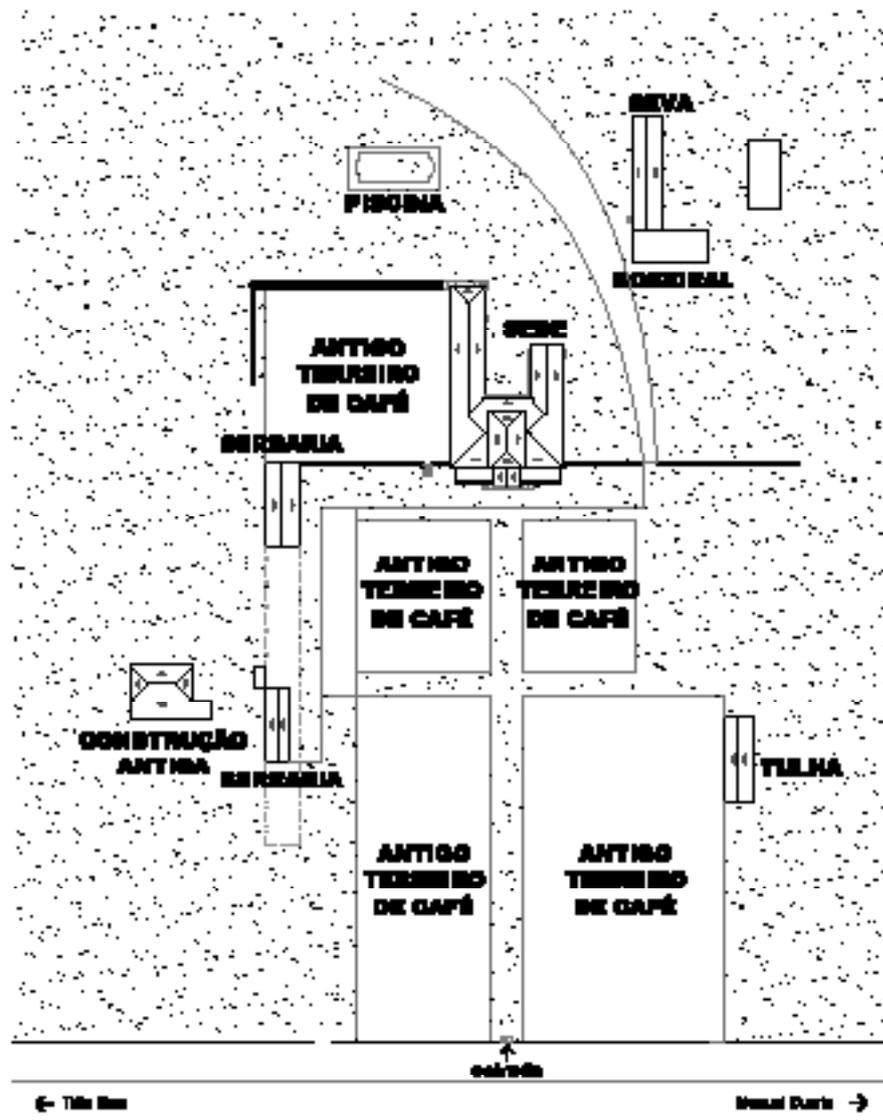
31



32



33



1 FAZENDA SANTA JUSTA
 Planta de Situação ano de 1988
 0 10 20 30

A Fazenda Santa Justa foi provavelmente fundada em 1820 por Geraldo Carneiro Belenz e, após seu falecimento, em 1831, foi herdada pelo filho, Brás Carneiro Bellens.

Brás foi responsável por empregar na fazenda, no ano de 1852, uma colônia de imigrantes alemães, para substituir a mão-de-obra escrava por trabalhadores livres. Em número de 185 e distribuídos em 30 famílias, eram todos protestantes. Mas a colônia durou pouco menos de dez anos, pois a maioria dos imigrantes foi para Petrópolis ou para o sul do país.

Em 1862, faleceu Brás e, no mesmo ano, sua viúva vendeu a fazenda a Jacintho Alves Barbosa, futuro Barão de Santa Justa, título adquirido em 1866 e elevado à condição de grandeza, por decreto, em 30 de janeiro de 1867.

Segundo o historiador Pedro Gomes, o Barão de Santa Justa chegou a possuir cerca de 2.000 escravos e a exportar 50.000 arrobas de café. Ao falecer, em 1872, a Fazenda Santa Justa foi passada a um de seus nove filhos, Francisco Alves Barbosa, o segundo Barão de Santa Justa.

Na ocasião da morte do Barão, Santa Justa possuía 206 mil pés de café, trabalhados por 167 cativos. Além da Santa Justa, o Barão possuía também as fazendas Ribeirão, São Fidélis, Serra, Monte Cristo e Santana.

Francisco Alves Barbosa casou com uma prima, D. Bernardina Alves Barbosa, que marcou presença na história da fazenda como mulher dinâmica e de personalidade forte. O segundo Barão de Santa Justa faleceu em 1883, quando a produção de café já entrava em declínio na região do Vale do Paraíba. Em 1889, poucos meses antes da Proclamação da República, a Baronesa foi elevada ao título de Viscondessa de Santa Justa.

A Viscondessa, ao falecer em 1915, ainda era proprietária da Fazenda Santa Justa e da Fazenda do Recreio, que eram vizinhas e tinham cerca de 700.000 pés de café distribuídos entre as duas propriedades, além de maquinário para beneficiamento de café, casas para trabalhadores, tulhas, paiol, enfermaria, farmácia e outras plantações.

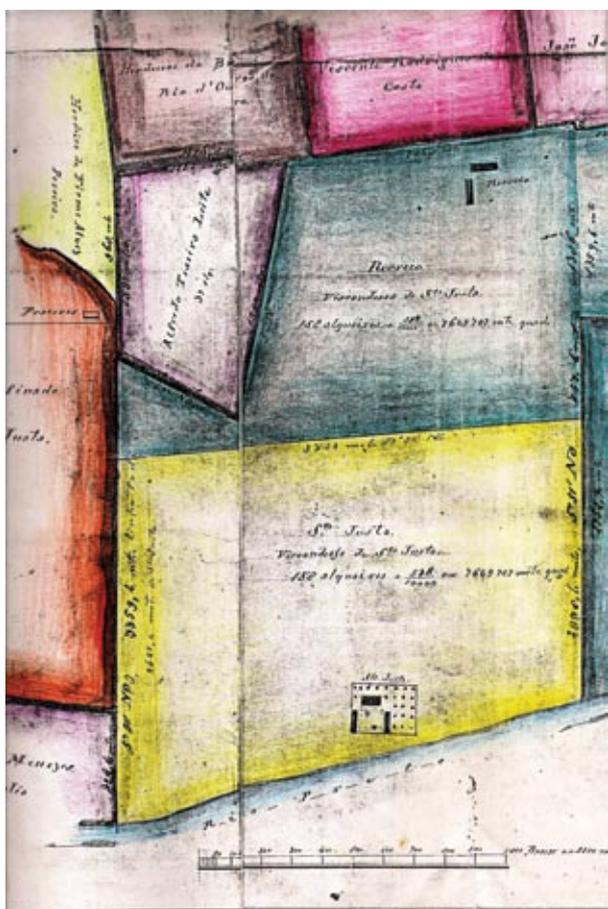
Na partilha dos bens, a Santa Justa coube à filha, Maria Bernardina Alves Barbosa Nunes, que a vendeu em 23 de outubro de 1924 para Domiciano Pereira Machado. Com os Machado a fazenda permaneceu até o ano de 1992, quando os herdeiros a venderam para o Sr. Antônio Candido Cardão.



Mapa da Fazenda Santa Justa e Recreio, final do século. XIX
Acervo MHRRF



Mapa da Fazenda Santa Justa e Recreio, final do século XIX
Acervo MHRRF



Mapa da Fazenda Santa Justa e Recreio, final do século XIX
Acervo MHRRF

